Relatório do III Seminário de Educação na Maré: Compartilhando saberes e vivências.
Autoras: Carolina Araújo, Larissa Sicchierolli e Nívia Melo.

A Equipe do NEDH participou no dia 25 de maio do III Seminário de Educação na Maré: Compartilhando saberes e vivências, o evento ocorreu nos auditórios G1 e G2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Cidade Universitária, no Rio de Janeiro. O seminário foi organizado pela REDES- Redes de Desenvolvimento Social da Maré.

- Mesa de Abertura: Andréia Martins (Diretora - REDES) e Eduardo A. Fernander (Coordenador da IV CRE)

Andréia informa que a REDES atende em média 4.000 pessoas por ano e que trabalha com cinco eixos estratégicos: comunicação, arte e cultura, segurança pública, educação e desenvolvimento local. Seu principal programa é o Programa Criança Petrobrás na Maré (PCP Maré) que tem por objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da educação pública em escolas de ensino fundamental e do índice de desenvolvimento humano.

Inicialmente o Coordenador da IV CRE Eduardo A., relatou que essa é a CRE que possui mais escolas sob sua responsabilidade e que mesmo assim não atendem a demanda da Maré. Afirma que muitos problemas existem e que o Prefeito Eduardo Paes priorizará as seis áreas da Maré na realização de tempo integral nas escolas, para reduzir o tempo ocioso e aumentar o tempo de aprendizagem dos alunos.

O coordenador conta que ao fazerem uma entrevista ao jornal O GLOBO, foi questionado “Qual era o maior problema da Maré?”. Ele diz ter respondido que era a Violência. Que a polícia tem estacionado os camburões em frente as escolas, realizando invasões na comunidade e ao entrar em contato com o Major ou o Coronel da Polícia Militar, os mesmos afirmam não saber do que está acontecendo. Ele diz não saber se procede ou não, o que relata o Coronel e o Major, mas afirma fazer ligações constantemente, para que essas operações sejam suspensas, pois atrapalham significativamente as atividades escolares. Neste momento, muitos professores se manifestaram contando suas experiências de violência pela polícia nessas últimas semanas de tentativa de pacificação. Para o Coordenador, os problemas que a educação na Maré apresenta se referem à Segurança Pública e não à Secretaria de Educação ou à CRE, pois acredita ter professores compromissados, dedicados, envolvidos com a educação. Acha importante as atividades que a REDES desenvolve nas escola, e que a falta de professores é um problema estrutural que acontece em todo o Rio de Janeiro.

Acrescentou que a jornalista do O GLOBO, reforçou que a Maré precisa melhorar o IDEB, entretanto, para ele, o IDEB da Maré só vai melhorar se a polícia deixar de atrapalhar a escola e suas atividades, reforçando que acredita ser um problema de Segurança Pública somente.

A Andréia Martins do REDES, acrescenta na fala do Eduardo, que a discussão não pode ficar restrita a Segurança Pública, pois existem outras questões que influenciam a Educação. E que é muito importante estarmos no coletivo para pensarmos juntos em trabalhar estratégias que visam uma Educação de qualidade.

Por fim, o Coordenador da IV CRE enfatiza que a finalidade do trabalho dos professores não pode estar em torno do crescimento da nota no IDEB e sim em um aprendizado efetivo dos alunos e na melhoria da qualidade de vida, sendo a nota uma consequência desse aprendizado.

- Mesa 1: Educação Integral em contextos populares: rumos e desafios. Palestrantes: Ana Maria Cavaliere (UFRJ) e Marcelo Burgos (PUC- RIO).
Mediador: Ernani Alcides(REDES)

A professora Ana Cavaliere iniciou a mesa pontuando problemas na educação que vão além da violência: país que investe pouco na educação; falta de infra-estrutura nas escolas; professor não é valorizado; exclusão. E fez algumas indagações: Tem sentido compensatório? Ou é um projeto para todo mundo?

Logo depois falou sobre definições do que é Educação Integral, esta como sendo uma educação que envolve diversas e abrangentes dimensões da formação dos indivíduos e que é relacionada à escola (final do séc. XVIII). Tem o sentido de religação entre ação institucional escolar e a vida em sentido amplo, em sua concepção existe a dificuldade de se associar o que se aprende na escola com a vida. Com o passar do tempo e sobretudo atualmente, Ana se questiona sobre o formato de escola que se tem. Pensar um novo formato de escola é um trabalho pedagógico e sociológico. A escola é cada vez mais chamada para reforçar seu papel nas esferas societária, cultural e comunitária.

Quanto ao tempo integral e educação integral, utilizou o conceito de Anísio Teixeira em "Educação não é privilégio" [1953], 1994: na escola como "miniatura da comunidade com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte". A escola como um espaço que vão ocorrer vivências coletivas e o exercício da democracia e cidadania. Outro conceito utilizado foi o do livro Passo a Passo, do Mais Educação, 2011: "O espaço físico da escola não é determinante para a oferta da Educação Integral". Há outras opções de aproveitamento, bem como de outros espaços.

A Educação Integral exige somente um grupo de aluno por dia e existe um consenso que é bom o aluno ficar mais tempo na escola.

Educação Integral: Qual política?
- Ação focalizada/universal?
- Política educacional/assistencial?
- Política compensatória/de oportunidades?
- Foco no indivíduo/nas coletividades?
- Mais dos mesmos recursos/outros recursos?
- Política emergencial ou projeto?

Quanto às políticas inseridas na Educação Integral, pensa que políticas assistenciais passam por dentro da escola e é preciso conviver com isso.

Tratou também dos conceitos associados à EI:
- Intersetorialidade;
- Caráter local e comunitário das ações;
- Reforço escolar.

Como desafios (NÃO):
- Não precarizar / improvisar;
- Não interromper;
- Não separar Educação e Assistência;
- Não desvalorizar o professor;
- Não transferir responsabilidades do Estado;
- Não perder o controle;
- Não perder o foco.

Como desafios (SIM):
- Fortalecer a instituição escolar;
- Continuidade;
- Aproveitar potencialidades REAIS - humanas e materiais das comunidades;
- Enriquecer o cotidiano escolar;
- Ampliar as responsabilidades educacionais da sociedade e dos profissionais da escola;
- Dar voz e ouvir professores, pais, alunos e comunidade.

A fala do professor Marcelo Burgos (Sociólogo - PUC), trouxe reflexões sobre o processo de redemocratização (anos 1980) e aspectos da entrada "dos pobres" no espaço escolar, e isso ao invés de fortalecer tal espaço, pelo contrário, trouxe enfraquecimento, precarização institucional. A escola pode servir para construir uma sociedade hegemônica. Se não prestarmos atenção, podemos construir escolas para formação de uma classe operária disciplinada e isso não é democracia. O crescimento da violência urbana coincidiu com essa entrada "dos pobres" nas escolas. Um ponto importante é de que é preciso ter uma construção do entendimento da escola como **pública** e não estatal. Sinalizou que a família tem fundamental importância para a escola enquanto interação e participação, mas que atualmente essa construção é um desafio. Outro ator importante na e para as escolas é o Conselho Tutelar, mas este também não é valorizado. É preciso que se valorize sua potencialidade enquanto conhecedor dos direitos.

A questão que envolve ensinar e educar, não pode ser ação de uma instituição só, construir um adulto responsável envolve toda a sociedade.

A Assistência quando está ligada à Educação, também é Educação, é benefício para Educação e não um assistencialismo. O Bolsa Família com a condicionalidade de matrícula e frequência escolar do filho é incômodo, mas é válido, pensando que a população está em uma grande miséria e que não existe uma cultura de escolarização da sociedade. Será que essa mãe levaria seu filho para a escola e se interessaria pela frequência se não recebesse o benefício? É uma situação que já está posta e o Bolsa Família responde no momento a essa questão, mas muito ainda falta para avançar nessa realidade.

Reconheceu que houve avanços em relação ao Ensino, que tem que ser uma transformação constante. O IDEB contribuiu para isso, onde chamou atenção das autoridades permitindo um outro olhar (mostrou o baixo nível em sua última publicação).

- Apresentação de teatro: Cia Teatro de Balões, espetáculo “Tempo Vago”, inspirado em Aurora da Minha Vida, de Naum Alves de Souza.

- Palestra - Conhecendo o IDEB: o professor e a prática cotidiana. Palestrante: Dálcio Marinho (Observatório de favelas / REDES)

O Palestrante Dálcio Marinho apresentou o que é o IDEB, os dados utilizados, como é feita a coletas de dados e como acessar os dados no site do inep.

O IDEB tem o objetivo de descobrir o desempenho escolar e a evasão dos alunos, com o intuito de fazer com que as escolas desenvolvam trabalhos para melhorar esses números e que os Governos desenvolvam Políticas Públicas para esse setor. É bienal, foi medido pela primeira vez em 2000 e tem projeções calculadas até 2021.

As informações sobre o fluxo escolar são obtidas através do censo escolar e as médias de desempenho na realização da “Prova Brasil”. Todas essas informações e dados estão disponíveis no site www.inep.gov.br.

No final, Dálcio reforçou a importância das escolas utilizarem os dados fornecidos pelo IDEB para se auto avaliarem. Procurar saber o “por que” daquele ano a nota ter sido alta ou baixa, trocar com outras escolas suas experiências bem e mal sucedidas, buscando pensar em estratégias coletivas, sem esquecer das particularidades de cada região, de cada Escola.

- Mesa 2: Vivências educativas na Maré: desafios e possibilidades. Palestrantes: Janete Trajano (Ciep Ministro Gustavo Capanema); Waldinéia Teles Pereira (Ciep Ministro Gustavo Capanema); Regina Alburquerque (Ciep Presidente Samora Machel).
Mediador: Edson Diniz (REDES)

Professora Janete Trajano (Ciep Gustavo Capanema): “Complexidade de ser e estar professor na Maré: quais os desafios da rede?”

Salientou que os projetos (que atualmente são muitos, até mesmo vários dentro de uma mesma escola) que se inserem nas escolas necessitam conhecer as escolas as quais querem ou estão inseridos, pois muitas das vezes podem atrapalhar mais do que ajudar. Sobre os canais de discussão (em grupo) existentes no meio educacional, Janete disse desconhecer e questionou porque as escolas não se comunicam, dialogam. Isso para ela é latente e utilizou como exemplo a escola em que dá aula e a outra que é bem próxima da sua, onde não se havia diálogo. Quanto ao espaço violento, reforçou que é necessário se desnaturalizar a violência.

Pediu por melhorias e qualidade de condições para que a educação seja passada pelos professores aos alunos e que melhorias são necessárias também em políticas públicas, que professores, alunos e pais sejam ouvidos. É preciso potencializá-los. Reconhece a importância do conhecimento do espaço em que se está trabalhando, e que a escola deve ser pensada do ponto de vista histórico e do que está acontecendo atualmente também.

A professora fez uma fala emocionada sobre educação e sua atuação. Percebemos que essa professora tem paixão pelo que faz, disse que um aluno que passa por ela não é qualquer aluno, vai ser um aluno melhor do que ela foi como aluna. Qual é a escola que temos? E a

escola que queremos? Pensar a escola em seus erros e acertos, em seu histórico, em sua atualidade e nas suas possibilidades.

Professora Regina Albuquerque (Ciep Presidente Samora Machel): “A escola como potencializadora de ressignificações: uma experiência na Maré”.

Apresentou um trabalho feito com uma turma de 1º ano, moradores da Nova Holanda. A metodologia utilizada foi a realização de debates com as crianças e o objetivo era conhecer a vivência, a realidade de cada criança no local em que reside.

Professora Waldinéia Pereira (Ciep Gustavo Capanema): “Eu tenho histórias para contar e ensinar! E você?”

A professora se apresentou como uma contadora de histórias e informou que trabalha com o PEJA (Projeto de educação de jovens e adultos) e em oficinas com jovens, adultos e idosos. Em sua palestra para nós passou um vídeo :“**Chimamanda Adichie: O Perigo da História Única”.** O vídeo fala que a repetição de uma única versão da história oferece o perigo que essa versão seja reproduzida como se fosse a única verdade e não se conheça o outro lado.

Em sua experiência relata, utilizou o filme **“O contador de histórias”**, de Roberto Carlos Ramos e realizou uma atividade com os alunos, onde cada um contava sua história com a ideia de que cada aluno tem sua individualidade e está inserido em um contexto histórico. Cada aluno é um sujeito de direitos mas também é um produto histórico. O aluno quando é alfabetizado, se torna autor da sua própria história.

Consideramos que o seminário foi importante pela troca de experiências e de vivências dos professores, pelo aprendizado de novos conceitos e absorção de novas informações, que serão muito úteis ao pensarmos a nossa prática no NEDH, pois pudemos conhecer melhor a realidade das escolas da Maré, onde estamos atuando na Escola Municipal Tenente General Napion.